



## **O funk proibido e a construção do imaginário guerreiro**

Victor Figueiredo Souza Vasconcellos\*

O funk carioca se caracteriza como movimento cultural que desde o final da década de setenta ganhou grande relevância no Rio de Janeiro. Com bailes que reuniam milhares de pessoas, propagou-se principalmente no subúrbio. No início da década de noventa, sofreu alterações profundas em sua configuração estética. Com uma nova batida, apresentou uma feição mais nacional. Ao conquistar espaço na mídia, despertou uma verdadeira campanha criminalizadora, que culminou com a proibição dos bailes em clubes, restando apenas aqueles organizados nas comunidades.

Assim, esse ritmo musical passou a ser produzido prioritariamente em favelas e, em contato direto com regras que não eram as do Estado, deu origem a um novo tipo de manifestação: o funk proibido. Este, por sua vez, se dividiu em duas vertentes: o proibidão extremamente erotizado, com palavras de baixo calão; e o proibidão de contexto, que tem como objetivo apologizar e glamorizar a atividade criminosa. Neste trabalho interessa-nos o segundo, do qual analisaremos a música “Caçadores de tesouro”, de Mc Smith, também conhecida pelo título de “Morrer como homem é o prêmio da guerra”.

Antes de iniciar as considerações, convém reproduzir integralmente a letra:

\* Mestrando em Literatura Comparada (UFRJ).

Dono do ouro e da prata é Jesus  
E ninguém leva nada da Terra  
O salário do pecado é a morte  
Morrer como homem é o prêmio da guerra (2x)

Nossa vida é uma guerra  
Nossa morte é uma certeza  
Não é só tirar marola  
Nem acumular riqueza  
Dia a dia é “nós” na luta  
Tentando se levantar [Em outra versão: “Portando fuzil AK”]  
Pra nenhum filha da puta  
Vim aqui esculachar  
Temente somente a Deus  
Não se trata de coragem  
Mas a nossa Vida Loca  
Nela estamos de passagem  
Ninguém fica pra semente  
É nossa finalidade  
Deixar a família bem e as novinhas com saudade

Os versos expressam claramente uma perspectiva coletiva. A primeira pessoa do plural em “Nossa vida é uma guerra / Nossa morte é uma certeza” aponta para uma realidade compartilhada por um grupo de pessoas. Além disso, percebe-se o intento de perpetuação dos valores que regem o cotidiano da comunidade.

A letra se configura uma manifestação funkeira diferente, na medida em que não faz apologia de nenhuma quadrilha específica. Refere-se a valores partilhados pelo conjunto de jovens que, num contexto favelizado, participam ou desejam participar do crime organizado. Constituem um contingente radicalmente marginal, para o qual não tem sentido o sentimento – comum na classe média – de pertencimento a um coletivo brasileiro. Excluídos, eles ressignificam

diversas regras instituídas e ignoram outras, o que lhes possibilita construir uma nova identidade, forjando uma autoimagem baseada em símbolos diferentes e imaginando-se uma nação diversa.

Alguns trabalhos relativamente recentes problematizam o nacionalismo, do qual questionam a suposta condição de inerente e inquestionável. Uma das reflexões mais acuradas encontra-se no livro *O mito das nações* (2005), em que Patrick Geary faz um histórico dos povos europeus e mostra como os Estados Nacionais conforme conhecemos foram invenções do século XIX e atenderam a interesses bastante específicos. Entre outras coisas, o estudioso sublinha a maneira como a língua e a eleição de certos monumentos culturais contribuíram para a criação da imagem de nação da Alemanha.

À luz desse pensamento, cada grupo cultural se caracteriza como uma comunidade com elementos simbólicos específicos. Desde as referências imediatas até as concepções de mundo elaboradas, percebe-se seu apartamento em relação ao todo da sociedade. Sua linguagem particular, feita de termos próprios, contribui para lhe forjar uma identidade e um imaginário novos, construindo sua coesão interna. Essas “comunidades imaginadas” – para usar uma expressão de Benedict Anderson retomada por Geary – estabelecem suas próprias regras e adotam valores baseados em seu cotidiano.

Os valores aqui enfocados se identificam como guerreiros e são próprios de um contexto em que a masculinidade exacerbada aparece como parâmetro a ser seguido. A música traz um conjunto de signos indicadores da maneira de o jovem do sexo masculino atuar. Numa situação de pobreza extrema, em que as oportunidades são escassas, a vida estimada é curta, prazerosa e intensa.

Ao analisar os bailes de corredor – prática comum no início dos anos noventa que consistia na briga organizada entre galeras –,

Fátima Cecchetto retoma de Alba Zaluar o conceito de “etos da virilidade”, sendo este a “capacidade de se firmar como ‘homem’, ‘força jovem” (2003, 106). De fato, constata-se a tentativa de afirmação da potência masculina dentro de uma valorização da existência curta e intensa, chamada de Vida Loca. Essa perspectiva se afirma claramente no último verso: “Deixar a família bem e as novinhas com saudade”, em que se percebe a busca de afirmação da sexualidade masculina por meio da cativação de personagens femininas que, secundárias no contexto de violência, se configuram despojos de guerra.

O conceito de etos da virilidade pode ser considerado desdobramento do “etos guerreiro”, também empregado por Alba Zaluar, a partir da obra de Nobeit Elias, para, segundo Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira, designar “um certo estilo de masculinidade e virilidade assumidas pelos jovens que desejam comandar territórios em disputa pelo tráfico” (Ferreira: 2009, 18). Esse conceito abarca justamente o tema central da música, que é a busca pelo poder e prazer imediato a qualquer preço ou, na verdade, a um preço bastante específico: “O salário do pecado é a morte”.

Existem, portanto, as noções de certo e errado na perspectiva comum do estado de direito. Sabendo das concepções estabelecidas, afirma-se o ideal de que “morrer como homem é o prêmio da guerra”: uma vez que o cenário é de exceção, de guerra, as leis usuais são suspensas e surge uma ideia de “bela morte” ao estilo grego. O grande guerreiro transgredir a regra, por isso deve receber sua punição/redenção.

Há também na letra a afirmação de não se tratar de “riqueza” ou “coragem”. A grande questão a ser valorizada é o poder imediato, utilizado como forma de resistência a invasões de toda espécie. Comprova-se, assim, que o conjunto de valores adotados não é exatamente coerente. A ideia de que “morrer como homem é o preço

da guerra” entra em conflito com o viés utilitarista da proteção e sustentação de todos. O objetivo é e não é a glória eterna. Em um contexto de necessidade, o grande ideal de guerreiro masculino potente e arrebatador de mulheres se vincula a um viés bastante prático: sustentar a família. A glória eterna é um valor simbólico que pode ou não ser sacrificado, em função justamente de uma perspectiva utilitarista e prática. Nesse discurso picotado de referências excludentes, é impossível se pensar num sistema lógico e racional.

Cabe ressaltar ainda a diferença entre a versão mais difundida da letra e aquela “interna” a esse mundo, na qual um dos versos aparece modificado. O conteúdo da mensagem pode ser transformado a qualquer momento, já que dentro da cultura funk o traço autoral é alienável. Observa-se, além disso, a possibilidade de se fazerem concessões ao *statu quo* na substituição de um verso mais agressivo – “portando fuzil AK” – por um mais consumível em ambientes distantes do local de original da produção: “tentando se levantar”. Ocorre, portanto, uma mediação entre a cultura popular e o mercado que negocia o produto.

Finalmente, deve-se notar que o ritmo musical compõe formalmente e intensifica o ideal de masculinidade abordado. A batida potente, denominada batidão, é um componente importante da glamorização das figuras guerreiras dispostas a romper qualquer regra para alcançar os objetivos traçados.

O ideal guerreiro de masculinidade se constrói por meio de uma obra inserida num contexto em que as regras do Estado não funcionam plenamente, os valores podem ser mudados e a aglutinação dos signos se submete a referências fragmentadas. Nesse tipo de situação, a arte aparece como veículo de valores que, com seu ludismo e sua festividade, ajuda a assimilar, processar e perpetuar.

**Referências**

- BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2009.
- CECCHETTO, Fátima Regina. “As galeras funk cariocas: entre o lúdico e o violento”. In: VIANNA, Hermano (org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003, pp. 93-116.
- \_\_\_\_\_. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- FERREIRA, Ruth Vasconcelos Lopes. “Juventude e violência: alguns aspectos culturais e subjetivos que delimitam esta relação”. Atas do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2009.
- GEARY, Patrick J. *O mito das nações: a invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad, 2005.
- HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.
- VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.